

HOMENS QUE REPRESENTEM O GÉNIO DO NOSSO POVO

12/5
82

♦ Alvo a atingir na transformação dos comprometidos

por Miguéis Lopes Júnior

Horas que em muito ultrapassaram em carga humana a convenção tempo que o homem também estabeleceu continuaram a ser vividas ontem no salão de festas da Escola Secundária Josina Machel, pelos participantes no encontro entre a direcção máxima do Partido e Estado e representantes de todos os cidadãos moçambicanos ligados pelo passado ao compromisso com o colonial-fascismo português.

Em sessões iniciadas às nove horas e às quinze horas e terminadas às 13.15 h e 20.00 h, respectivamente prosseguiu o desfolhar de páginas da história de Moçambique. De manhã foi efectuada a síntese geral das conclusões a tirar dos relatos efectuados pelos ANP's. Passou-se depois aos PIDE's que, efectuaram cerca de uma dezena de intervenções que se prolongaram pela tarde. Encerrando os trabalhos, Samora Machel diria haver necessidade de efectuar mais sessões do género a fim de que comprometidos com outras estruturas e organizações coloniais pudessem exercer o seu direito à palavra.

Embora por motivos de tarefas inadiáveis do Partido e Governo, as sessões tenham de ser interrompidas, Samora Machel anunciou que as mesmas se reiniciariam dentro de aproximadamente duas semanas.

Durante cerca de nove horas, divididas em duas sessões registou-se no salão, o prosseguimento de uma prática democrática única e por isso mesmo quase impossível de traduzir, quer por palavras, quer por imagens.

O catalisador permanente de tal prática, o Presidente Samora Machel, resumiria o seu conteúdo como lição em todos os domínios do humano. Lição histórica, lição económica, lição social e, sobretudo, lição ideológica.

Nos debates e intervenções havidos de manhã e de tarde, perpassava a história individual de mais alguns dos comprometidos — no caso de ontem os ex-PIDE's — mas mes-

mo assim mostrando as marcas de todos os veículos ideológicos utilizados pelo colonialismo em Moçambique.

A trajectória de cada um daqueles cidadãos ligava-se ou cruzava-se com outras histórias individuais. Situações em pólos, quer opostos, quer aproximados no desenvolver temporal das principais contradições que atravessaram a longa noite colonial.

No recordar do choque dos caminhos da traição com os momentos humanos de abnegação à causa do povo, entre a acção de despersonalizados e homens dispostos a dar a vida pelo direito a uma personalidade própria; esteve o delinear de contornos da entidade histórica denominada Povo moçambicano.

Viveram-se — como belamente o resumiria Samora Machel — «momentos angustiantes, momentos emocio-

nantes, momentos dramáticos, páginas da nossa história, páginas feitas pelo Homem moçambicano».

Subjacente a todas as intervenções de compatriotas marginalizados pelo peso das próprias consciências, esteve a coragem, a dignidade, o sofrimento que foi necessário o povo assumir. Para vencer as insidiosas armadilhas dos que colocaram moçambicanos a lutar contra moçambicanos Moçambicanos a oprimirem-se a si mesmos na denúncia, tortura e assassinato dos que, afinal, possibilitaram a própria libertação dos laços da escravidão.

Na atitude daqueles a quem foi dirigida esta última síntese do Presidente da República, no clima extraordinariamente emocionante que simultaneamente pesava e começava a libertar, e aproximar num valor patriótico comum. Numa base ténue que necessita de ser mais trabalhada, era o

início do aproximar de moçambicanos opções passadas diversas e antagónicas: de um lado, os representantes da dignidade e determinação histórica do povo. Do outro lado homens mantidos no desdobraimento, em cada cabeça, entre a consciência da culpa e a ambição de privilégios, no trocar do conforto individual ao câmbio sinistro de alguns anos de sangue dos semelhantes.

Por o marxismo ser no Partido Frelimo um guia para a acção, uma filosofia universal já com raízes num processo concreto e especificamente moçambicano, é que na RPM se continua a crer na transformação do homem.

São raros os países onde se pode apreender em horas — como ontem aconteceu — a beleza do hino ao homem que em condições normais só se perspectiva pela leitura ou narração de muitos séculos de história Parecendo curta no tempo — disse Samora Machel — a nossa história é longa, porque se liga ao momento desse passado remoto em que, em qualquer lugar, o homem teve consciência da sua capacidade de transformar, transformando e dominando a natureza de que faz parte.

O diálogo já mais franco e aberto de ontem restituiu esta noção aos comprometidos ao fazê-los levantar o véu daquele anseio permanente. A

princípio a preencher o vazio ideológico das vãs crenças e esperanças alienadas de muitos dos presentes, facto que quase se podia ler num brilho diferente dos olhos, em rostos quase levados da máscara imposta pela má consciência.

Interrompido temporariamente por necessidades e tarefas inadiáveis de Estado este encontro dos reencontros deixou já uma certeza. A de que, na tranquilidade que finalmente aflui ao viver de tantos dos comprometidos, germinará a reflexão necessária para que, aquando do reinício das sessões, estes moçambicanos expulsem de vez o nevoeiro da traição que lhes obscurecia o Sol da liberdade.

Este o passo ideológico fundamental para que não continuem a existir moçambicanos oprimidos (por si próprios) neste País de moçambicanos livres — salientou o Presidente do Partido Frelimo. Para que, em conjunto e com responsabilidade histórica catalisem as respectivas energias, para todas as gigantescas batalhas que decorrem: económicas, políticas, de defesa da soberania.

Para que o patriotismo assumido e real galvanize todos e cada um para esse conjunto harmonioso do futuro de felicidade pretendido na RPM: «o homem novo, o homem capaz de representar o génio do nosso povo».